



HISTÓRIA E LITERATURA:

MEDIAÇÕES ENTRE A CIDADE ESCRITURÁRIA DE ANGEL RAMA E A FUNÇÃO PEDAGÓGICA DA IMPRENSA MINEIRA NA PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS, ALGUNS APONTAMENTOS



Rodrigo Fialho SILVA*

RESUMO¹

O periódico **O Universal** foi criado em 1825, em Ouro Preto, e trouxe em suas primeiras edições algumas reflexões sobre o sistema educacional na Europa. Tomava o método monitorial mútuo de ensino como referência a ser implantado na província de Minas Gerais, como uma saída para se melhorar o ensino de primeiras letras. À frente do periódico estava Bernardo Pereira de Vasconcelos, político com atuação destacada no Primeiro Reinado e nas Regências. Pertencia a um círculo restrito de intelectuais e compunha a “cidade escriturária”, na perspectiva de Angel Rama. O presente artigo busca traçar alguns apontamentos sobre a função do intelectual mineiro como mediador das letras, transpondo o conhecimento, para um círculo mais amplo, o do espaço público, através da imprensa periódica.

Palavras-chave: Cidade escriturária. Imprensa. O Universal.

1 INTRODUÇÃO

Pelos idos de 1825 veio à luz, em Ouro Preto, o periódico denominado **O Universal**. O colaborador, possível redator e responsável pelo novo periódico da capital foi Bernardo Pereira de Vasconcelos. Nasceu em Ouro Preto, no ano de 1795 e com dezoito anos foi para Portugal estudar Direito na Universidade de Coimbra, seguindo os caminhos do pai (SOUSA, 1937). Por tempos, a Universidade portuguesa formou significativa parcela dos magistrados envolvidos diretamente com

* Doutor em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor Titular do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora e da UEMG/Unidade de Leopoldina.

¹ Este artigo é resultado de reflexões discutidas no Grupo de Pesquisa, denominado **Ler, publicar e civilizar: usos da imprensa para a difusão da Literatura e da História em Minas Gerais no século XIX**, vinculado à linha de pesquisa: Literatura brasileira: enfoques transdisciplinares e transmidiáticos, do Programa de Mestrado em Letras do CES/JF.

os serviços administrativos e burocráticos no Brasil (VALADARES, 2000), bem como as elites do lado de cá do Atlântico.

Sua participação na política foi significativa. Vivenciou conjunturas expressivas do Primeiro Reinado, Regência e Segundo Reinado, com uma presente atuação no legislativo. Por onze anos consecutivos Vasconcelos foi eleito deputado (1826-1837) e senador por doze anos, de 1838 até sua morte. Chegou a exercer o cargo de conselheiro do Estado por oito anos e, no período regencial, foi Ministro da Fazenda e da Justiça. De acordo com José Pedro Xavier da Veiga, até o ano de 1827, Bernardo Pereira de Vasconcelos foi a principal referência e inspiração para o periódico (VEIGA, 1982, p. 688), e sua redação ficava sob responsabilidade de José Pedro de Carvalho.²

O Universal saía todas as segundas, quartas e sextas-feiras e foi o mais longevo periódico mineiro ao longo do Primeiro Reinado e Regências, circulando de 1825 até o ano de 1842. O periódico era impresso na Tipografia Patrícia & Barboza, como os periódicos anteriores. Dentre outras preocupações que cercava a vida de Bernardo Pereira de Vasconcelos, o sistema de ensino vai ser uma constante em seus discursos, seja na imprensa ou na Assembleia, durante toda a sua atuação, como deputado eleito pela província de Minas Gerais. Segundo Vasconcelos, aproximava-se o dia da inauguração de duas escolas de ensino mútuo na província. Por isso, achava por bem escrever “algumas lições de tão importante ensino” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 2)³.

Com o título de Educação Elementar, dedicou-se a publicar uma longa explanação sequencial e didática em seu periódico acerca do ensino no Brasil e no exterior. Em seu conteúdo, apresentou um panorama do sistema educacional em alguns países da Europa como Inglaterra e França. Na Inglaterra, mais precisamente em Londres, há alguns anos fizeram-se associações de indivíduos particulares com o objetivo de colocar em prática novos sistemas de educação elementar, modelo seguido por outros países como a França, por exemplo. Explicava que desde o período colonial, a forma de se educar no Brasil sempre foi muito limitada.

² Biblioteca Nacional – Sessão de Obras Raras. **Astro de Minas**, 03/02/1829, p. 2. De acordo com Francisco José de Sales, editor do **Astro de Minas**, José Pedro de Carvalho era o redator do periódico ouro-pretano **O Universal**.

³ Arquivo Público Mineiro – Sistema Integrado de Acesso, doravante, APM – SIA, **O Universal**.

Afirmava que “se a cultura do espírito aumenta a felicidade dos homens, não pode deixar de ser grande serviço a humanidade inventar meios, pelos quaes essa cultura se generalise” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 3). Vasconcelos não queria dizer com isso que todo homem deveria ser matemático, médico ou jurisconsulto, mas asseverava-se de que “se deve dar a todos os homens a maior massa de conhecimentos, sem interromper as ocupações ordinárias a vida a que cada indivíduo se destina” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 3), o que aponta para uma preocupação com uma maior qualificação da mão-de-obra nos diversos serviços e profissões.

Vasconcelos defendia que nem todos deveria se ocupar com as ciências, ou teorias abstratas, muito menos se os ensinamentos em nada tivessem ligação direta com os ofícios manuais, como os mecânicos, explica. Não obstante, certos ramos do conhecimento são sim, passíveis de serem apropriados e apreendidos por todos os homens, sem distinção de ofícios e ocupações, “essenciais para cultivar as faculdades do espírito” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 3).

Geralmente, as ciências são restritas a poucos, como na Antiguidade e sabiamente, enfatiza Vasconcelos, vivia-se em um século, “em que as letras não são propriedade de ninguém, e assim cada povo tem direito de reclamar aquella parte de instrução, que he compatível com o resto de suas ocupações” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 4).

O problema sobre a generalização do ensino estaria segundo Vasconcelos, entre as classes pobres que não poderia pagar para obter, ou receber instrução.

No entanto, ele defendia o novo método de ensino mútuo por ter a vantagem de um só professor poder se encarregar do ensino de cerca de novecentos ou mil discípulos. As únicas despesas seriam o pagamento do “mestre”, o aluguel da casa para funcionamento da escola, bem como “pedras, lápis, tinta, papel, e livros elementares”. Além de econômico, o método seria mais eficaz, pois se aprenderia a escrever ler e contar em menos tempo.

Vasconcelos apontava três contribuições para a rapidez do aprendizado, a saber: “1 her a applicação bem entendida da disciplina da eschola, a 2 a emulação bem dirigida, a 3 não retardar os progressos do discípulo de mais talento fazendo-o esperar pelos outros de menor empenho” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 4).

A segunda edição do **O Universal** trata de explicar a origem do novo sistema na Inglaterra. Vasconcelos escrevia que não se sabia ao certo quem havia concebido primeiro o novo método, Dr. Bell ou José Lancaster. Dizia que pouco importava cansar o seu leitor com tais incertezas. De acordo com Vasconcelos, Lancaster havia feito uma campanha para apresentar seu plano aos homens ricos e nobres da Inglaterra.

O objetivo da campanha de Lancaster foi pedir-lhes ajuda para se estabelecer escola gratuitamente aos meninos pobres. Formou-se assim uma sociedade para promover as escolas. Anualmente contribuíam para manutenção das mesmas. Dentro das sociedades que se espalharam pela Inglaterra, formaram comitês para regular os seus negócios, distribuindo o dinheiro e administrando as escolas. A cada ano o comitê apresentava um relatório do ano precedente.

O tesoureiro, por sua vez, apresentava uma conta impressa da recita e despesa. Procedendo dessa maneira, a sociedade tinha a responsabilidade de nomear às mesmas ou outras pessoas para formarem o comitê responsável pelo ano seguinte. Andrew Bell, ou Dr. Bell como era conhecido, não teve a mesma sorte. Enquanto Lancaster admitia crianças sem distinção quanto à religião de seus pais, ensinando-lhes as lições baseadas na Escritura Sagradas, Dr Bell não aceitava e nem recebia em suas escolas alunos, cujos pais não permitissem a instrução religiosa aos moldes anglicanos. Este método, porém, encontrava dificuldades de ser aplicado no Brasil, onde a Igreja Católica era a oficial. Da Inglaterra, esse sistema foi imitado no Canadá, Estados Unidos, Escócia e Irlanda, informava Vasconcelos. No caso da França, verifica-se “hum passo a mais” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 4).

Chegaram a estabelecer um jornal intitulado **Journal de éducation** “unicamente destinado a referir os progressos destas escolhas em França, e a publicar as instruções necessárias para seu estabelecimento em outras partes” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 4).

Ao que tudo indica, Vasconcelos se espelhou neste jornal para escrever sobre o método mútuo de ensino, contribuindo assim, para divulgar suas vantagens no Brasil, mais especificamente em Minas Gerais.

Segundo Vasconcelos existia uma escola principal que se localizava em Londres e, aos poucos, devido à distância, estabeleceram-se outras em diferentes

pontos da cidade. Nestas os “subscritores”, leia-se contribuintes, tinham o privilégio de nomear os alunos de acordo com a sua ajuda.

Destas escolhas menores estabelecidas nos districtos, se tem seguido em Londres hum benefício da primeira magnitude, além da instrucção, que a geração futura não deixará de reconhecer com gratidão. As classes mais pobres da sociedade, como são obreiros, trabalhadores, serventes dos officios mechanicos, eta; e que não tem meios de pôr seus filhos nas escolhas, nem achão emprego próprio para suas tenras idades, são obrigados a deixá-los andar vadios pelas ruas, aonde, em huma cidade tão populosa como Londres, contraem as crianças mil hábitos viciosos, acostumão-se á ociosidade, associação com pessoas depravadas, que os induzem a commetter crimes; e vem por fim a serem victimas do rigor das leis, quando se descobrem suas práticas. Estas escolhas, por tanto, occupando utilmente o tempo destes meninos pobres, não somente lhes dá a instrucção em ler, escrever e contar, que tão proveitosa he aos mesmos indivíduos; mas impede que lhes se habituem á ociosidade, e tira-lhes a oportunidade de associar pelas ruas, com quem lhes deprave os costumes; porque as horas vagas, que restão da escolha, são aquellas em que seus pais tem voltado de seus respectivos empregos, e que estando em casa, podem ter seus filhos debaixo de seus olhos. Quando se considera, portanto, os milhares de meninos, e meninas filhos de gente pobre, a quem este systema de escolhas para os pobres tem salvado do contagio dos vícios, e dos perigos da ociosidade não pode ficar dúvida alguma, sobre a utilidade desta invenção (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 4).

Informavam ainda que a escola central de Borough-road havia crescido significativamente e que por conta da expansão, a sociedade nomeou um comitê de finanças, independente do comitê administrativo. Aumentaram as contribuições e a função mais importante da escola central era educar os meninos com o objetivo de habilitá-los e conduzi-los à função de mestres em outras escolas, “para isto era necessário examinar os talentos e applicação dos indivíduos, sua aptidão para o emprego de pedagogo; e justeza de seu comportamento, no que respeita a moral” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 1).

Os educandos que se destinavam a mestres deveriam ser sustentados e observados pela “Sociedade” que arcaria com suas despesas em viagens para se implementar novas escolas, trabalhando como professor. A Borough-road se tornou uma referência internacional. De acordo com **O Universal**, moços de New York, Philadelphia, Baltimore, Washington, e outras cidades passaram pela escola inglesa e de volta às suas cidades de origem nos Estados Unidos, estabeleceram escolas tanto para meninos, quanto para meninas.

Na Ásia, principalmente em Calcutá e Madras, também formaram escolas que instruíam, na sua maioria, os filhos dos portugueses, ou melhor, “descendentes mistos de Portugueses, e Indianos, que são mui numerosos na Península Indiana, e entre os quaes a língua Portuguesa he a mais commumente entendida” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 16).

Moços negros foram instruídos para estabelecer escolas em “Serra Leona” colônia inglesa na África com o propósito de “acelerar [...] a civilização dos Africanos” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 16).

E “pode dizer-se, que jamais houve huma instituição, que em igual tempo diffundisse por tanta gente, e em tão diversos paizes os abeis conhecimentos de ler, escrever e contar, juntamente com as santas lições da moral do Christianismo” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 16).

Depois de instituída e consolidada, em Londres, a escola para os meninos, foi à vez do público feminino poder contar com a instrução pública.

2 O UNIVERSAL: INSTRUMENTO DE MEDIAÇÃO CULTURAL

Na quinta edição do **O Universal**, foi publicada uma carta de um leitor reclamando de várias situações existentes na província e por não saber do que se passava no Conselho do Governo. Assim, achou por bem escrever e pedir providências. Iniciou a carta reclamando do péssimo estado das estradas mineiras, o que vinha, segundo ele, prejudicando o comércio já que “o nosso principal commércio, ou todo he terrestre” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 18).

Chama-nos a atenção o que o correspondente escreve sobre a instrução pública: “a instrucção pública da Província nada vale” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 18).

Foi o primeiro leitor do **O Universal** a se manifestar sobre o ensino e seu estado precário na província, ao mesmo tempo em que também foi o primeiro a interagir com os textos lançados ao público pelo periódico, acerca do sistema de ensino mútuo criado na Inglaterra.

Escrevia ainda que não possuía os conhecimentos necessários para criticar a educação. Não obstante, o correspondente estava sendo modesto, pois conhecia a tal ponto que escreveu algumas práticas por ele condenáveis. Existiam

professores, mas alguns, informava, mal sabiam assinar o próprio nome e que se valiam da violência com seus discípulos, “rachão de bolos as mãos das inocentes crianças por não terem ideias innatas, isto he, por não saberem, o que devião aprender” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 18).

Chega a comparar o sistema de ensino com aquele utilizado em sua época de aluno, quando escreve: “Muitos bons Gramáticos Latinos houve no meu tempo; vinha muita gente do Rio aprender esta lingoa na nossa terra: mas hoje nem Mundus á Domino constitutus est sabem traduzir, eu conheço um Mestre, que julga breve a penúltima do participio constitutus. Isto Sr. Redactor precisa de muita reforma” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 18).

O correspondente estimulava o periódico a continuar, ou melhor, transcrever as lições de ensino mútuo, embora muita gente “de gravata” o criticasse. Acreditava ainda que a iniciativa fosse plausível, pois “se alguns lêem, e vão ensinando por esse methodo a mocidade” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 18).

Sobre as críticas que ouvia sobre **O Universal**, relatou: “Estando eu hum dia deste com certo Sr. que se tem na conta de grande cousa, chegou o Universal” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 18), possivelmente este senhor seria assinante. Em seguida “leo-se, e quando chegou a lição, disse = Eis-ahi o Universal com suas lições sem nenhuma graça tenho fastio só em para ellas olhar” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 18). O correspondente ficou “estupefacto” e pensou que triste é a condição de um redator, pois se escreve contra algumas pessoas, “querem mata-lo” e se escreve “cousas interessantes [...] diz-se, que he fastidioso” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 18).

O remédio seria fechar os ouvidos e continuar servindo e fazer o bem à sua “Pátria”. **O Universal** já estava circulando há duas semanas e o correspondente dizia não ter visto nenhum mestre de primeiras letras comprá-lo talvez “ainda delle não tenham notícias” e que lhe informaria quantos comprariam o “interessante periódico” e que não era para o redator deixar de escrever sobre o assunto, pois “tem muitos apaixonados” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 19).

A publicação desta correspondência, assinada pelo **Seu constante leitor** deixa subentendido que estando Bernardo Pereira de Vasconcelos à frente do **O Universal**, veio publicar uma opinião que lhe convinha. Vasconcelos criticava as

autoridades por serem os culpados pelo entrave de se implementar o ensino mútuo, chamadas na carta, metaforicamente de **gente de gravata**.

Dessa maneira, a publicação desta carta, endossava seus propósitos, ainda mais que era a opinião de um leitor, ou seja, suas ideias eram comungadas por alguns na sociedade mineira. Por outro lado, parece que este correspondente também era distribuidor do periódico. Em duas passagens da carta, existem evidências desta hipótese. Primeiro quando diz que estava conversando com um senhor e o periódico chegou. Podendo ser um comerciante, no caso. Em segundo lugar, escrevia com propriedade que informaria ao periódico quantos professores comprariam o periódico! Quem, não estando diretamente envolvido com a distribuição e venda do **O Universal** poderia garantir tal observação? Ainda no mesmo número, são publicadas as vantagens do novo método “que nos propusemos a explicar” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 19). Interessante observar os detalhes expostos pelo periódico.

Em primeiro lugar diminuem o tempo necessário para a educação das crianças, juntamente com as despesas das escolas e também, por generalizar a instrução necessária as classes inferiores da sociedade. Para que realmente pudesse implementar o novo sistema, deveria se pensar nas salas, bem como no mobiliário conveniente:

A salla deve ser hum parallelogrammo, proporcionando ao numero de meninos pouco mais ou menos dous pés quadrados para cada um. Os bancos postos em fileiras huns por tras dos outros, de maneira que os meninos tenham todos cara voltada para o mestre: e huma abertura longitudinal em bancos, na frente da qual se acha hum lugar elevado para o mestre; que dali pode ver toda a escola. Cada banco tem diante de si huma meza estreita e comprida, aonde os meninos todos do banco possam commodamente escrever. Os meninos devem ser distribuídos por estes bancos em quatro classes segundo o grao de conhecimento, que tem adquirido” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 19).

O espaço, ou seja, a sala de aula deveria estar preparada para as atividades escolares. Por exemplo, no centro ou penduradas deveriam ficar dispostas as cartas com as letras do alfabeto ou sílabas. Assim, na medida em que os alunos se sobressaíssem melhor no aprendizado, perante a turma, passaria para outra classe, esta superior.

Os monitores de cada classe, ou decuriões⁴ como eram chamados no **O Universal**, podia contar com um ajudante, o menino mais bem instruído da classe. Descrições minuciosas chamam a atenção no texto como a disposição dos bancos, a necessidade de muitas e altas janelas para ajudar na ventilação, ao mesmo tempo, para que a paisagem não distraísse os alunos. Dificilmente seria não atingir o progresso da aprendizagem, pois o aluno “preguiçoso” não retardaria aos mais “industriosos”, pois aprendiam juntos, na mesma sala, separada por maior ou menor grau de instrução.

As classes deveriam ser divididas em oito, a saber: a primeira aprendia a formar as letras na areia, a segunda, palavras ou sílabas de duas letras, em seguida se aprenderiam dito de três letras, na quarta, dito de quatro letras e a quinta seguia-se o mesmo ritmo. Na sexta classe, lições de palavras de muitas sílabas, na sétima a leitura da Bíblia e na última era feita a seleção dos meninos que melhor aprendeu até a sétima classe. As classes de aritméticas estavam assim divididas: “combinação de unidades, dezenas, centenas, etc; somma; somma composta; subtração; subtração composta; multiplicação; divisão; divisão composta; redução; regra de trez e pratica” (APM-SIA, **O Universal**, 1825, p. 26).

Ainda por um extenso período de publicação, **O Universal** continuou a se dedicar a publicar artigos e textos referentes ao método de ensino mútuo. Durante seus primeiros três primeiros anos de circulação, **O Universal** sempre publicava artigos, textos e análises sobre a instrução pública na província. De acordo com Luciano Mendes de Faria Filho e Diana Gonçalves Vidal (2009), a propaganda sobre a superioridade do método mútuo de ensino foi intensa nas primeiras décadas do século XIX.

O próprio Imperador, segundo os autores, obrigou a utilização do método em todas as escolas públicas de primeiras letras, a partir de 1827 (FARIA FILHO; VIDAL, 2009). A instrução pública era assunto recorrente nos meios intelectuais da época, onde a França e Inglaterra eram entendidas como o berço da civilidade. Os escritos publicados pelo **O Universal** demonstram uma inclinação de seu redator para as ideias difundidas nestes países.

Durante sua atuação parlamentar, Bernardo Pereira de Vasconcelos sempre apresentava propostas para a melhoria do ensino público no Brasil. Entendia ser a

⁴ Referência à hierarquia militar romana, onde cada decurião era responsável pelo controle de sua fileira em uma centúria, que correspondia a um quadrado de 10 por 10 soldados.

imprensa, um instrumento ímpar na veiculação de suas propostas e importante recurso capaz de politizar os assuntos educacionais. Certa vez, **O Universal** compilou um artigo do **Aurora Fluminense**, periódico do Rio de Janeiro, onde se estabelecia a estreita relação entre a educação e a imprensa, apontada anos antes pelo **Seu constante leitor**, pseudônimo do correspondente. Interessante artigo, pois faz um levantamento comparativo entre as populações dos continentes e a quantidade de periódicos que neles existiam e circulavam.

Tabela 1 - Levantamento comparativo entre as populações e a quantidade de periódicos por continente

Nome das partes do mundo	População	Número de Jornais
Europa	227.700.00	2.142
América	39.300.00	978!
Ásia	390.000.00	27
África	60.000.00	12
Oceannia	20.000.00	9

Fonte: SIA-APM, O Universal, 06/02/1829, p. 18.

Observa-se que a quantidade de periódicos existentes na América é acompanhada por um ponto de exclamação. O continente americano na relação população/número de periódicos, só perdia para o Velho Mundo e em detrimento aos outros continentes do mundo, despontava com um significativo número de periódicos. Não foi discutida a relação de periódicos para cada país. Lembravam, porém, que estes periódicos surgiam e desapareciam com facilidade, o que dificultava certo mapeamento do número exato para cada país, pois uma característica comum dos periódicos era a efemeridade. No entanto, a tabela compilada pelo **O Universal** servia para alertar os leitores do quanto era importante, o uso dos periódicos para fins educacionais, bem como o espaço que os mesmo reservavam para as discussões públicas e políticas, conforme a proposta do periódico mineiro.

De acordo com Luciano Mendes de Faria Filho, “no jornal O Universal, é possível compreender [...]: a luta política por afirmar a importância da educação pública no processo de consolidação do estado nacional” (FARIA FILHO, 2002, p. 137). Somente anos mais tarde, no período das Regências, é que o governo provincial mineiro vai elaborar a primeira legislação referente à instrução pública,

através da lei n. 13 de 1835. Por conta deste feito **O Universal** retoma suas críticas e elabora sugestões sobre a educação na província.

3 CÍRCULO DAS LETRAS E MEDIAÇÕES INTELLECTUAIS

Percebe-se que Bernardo Pereira de Vasconcelos era um intelectual e político que utilizava **O Universal** como instrumento propagador de idéias que beneficiariam a sociedade e se fazia representar por meio das letras impressas. Mesmo diante de uma maioria analfabeta, sabe-se, porém, que seu discurso reverberava como pode ser constatado pela opinião do correspondente citado. Historicamente, Ouro Preto pode ser considerada uma cidade das letras, aos moldes da proposição de Angel Rama, e seus intelectuais, como o próprio Bernardo Pereira de Vasconcelos, responsáveis por instituir uma cidade escrituraria como aponta o escritor uruguaio.

Ao se referir aos intelectuais, responsáveis por “construir” a “cidade letrada”, Angel Rama (1985) chama a atenção para o manejo, pelos intelectuais, dos instrumentos de comunicação capazes de desenvolver uma determinada representação do poder, e neste caso, identificado pela e na escrita oficial, seja pelos “corpus de leis, editais, códigos”, escritos e manuseados pelo “conjunto de advogados, escrivães, escreventes e burocratas da administração. Por suas mãos passaram os documentos que instauravam o poder” (RAMA, 1985, p. 55).

Percebe-se, no entanto, que **O Universal** foi na contramão da ideologização do poder instituído, pois além de criticar o mesmo, propunha, de forma engajada, soluções para o problema da educação em um país recém-independente. Angel Rama chama a atenção para a importância que a temática da educação tomou no início do século XIX, contida nos discursos literários nos países latino-americanos, como no México, por exemplo, (RAMA, 1985).

De acordo Angel Rama (1985), a cidade escrituraria ganha contornos por meio da institucionalização de uma linguagem erudita e oficial, chamada de “rígida” concomitante àquela falada, popular, entendida por Rama como fluida. A partir dessa tensão entre o escrito e o falado, destaca-se uma pequena parcela de intelectuais responsáveis pela condução do conhecimento formal e, por isso,

configuravam-se em um círculo bem restrito em meio à sociedade, ou seja, uma cidade escrituraria em meio a uma cidade letrada.

Porém, mesmo que os intelectuais fizessem parte desse pequeno círculo, foram eles os responsáveis por criar formas alternativas de difusão da linguagem e do conhecimento. Rama (1985) destaca o papel da literatura na popularização da linguagem nas cidades latino-americanas, no entanto, destacamos o papel da imprensa periódica em Ouro Preto (SILVA, 2013).

O fato, entretanto, de existir um grupo pequeno, de intelectuais e de pensantes em meio a uma maioria analfabeta não quer dizer que estamos diante de uma elite dominante no sentido de impor determinados hábitos ou costumes. Antes, pelo contrário, no caso do **O Universal**, observa-se em sua órbita uma elite mediadora, preocupada em utilizar a imprensa, principal veículo de informação da época, para propor modelos de educação direcionados a uma nação em construção. Nessa perspectiva e de acordo com Maria Zilda Cury, etimologicamente, a palavra intelectual significa:

intus, para dentro e *lectus*, participio passado de *legere* (ler). Ler (para dentro das coisas, para seu interior. Mas, o sentido etimológico do verbo *legere* 'postula certa intensificação do fato social', na medida em que aponta para uma dimensão de exterioridade. Ler, pois, pressupõe um movimento para o exterior, para comunicar-se com os outros, fazendo uma leitura do mundo, o que dota a palavra intelectual dos dois movimentos: para dentro de si e para fora de si. Alargando o sentido ainda a partir da etimologia da palavra, saliente-se a condição intermediária do intelectual, sua função mediadora. (CURY, 2008, p.13)

Dessa maneira, entender os jornais como reverberadores de um discurso pedagógico, requer pensar determinados atores como intelectuais mediadores desse processo de comunicação. Neste caso, não são políticos a serviço do Estado e nem tão pouco do poder constituído, e sim, homens das letras que se lançam na política e usam a imprensa como instrumento de combate para garantir e demarcar seu lugar no espaço público (MOREL, 2005), principalmente após os movimentos de independência política na América Latina.

Alargando a participação do público e incorporando leitores a um círculo de leitura mais amplo, fazendo transbordar para fora do restrito círculo de quem produz o conhecimento escrito – da cidade escrituraria - e para além das fronteiras da erudição da linguagem. Percebe-se que tanto a literatura, quanto a imprensa foram

instrumentos mediadores entre uma minoria produtora do conhecimento e a maioria receptora do mesmo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos a “cidade escrituraria” de Angel Rama, como uma categoria analítica para se pensar a organização pretendida das cidades latino-americanas, desde os tempos coloniais e a função mediadora de seus intelectuais. Dessa maneira e neste caso, a literatura apresenta elementos epistemológicos para se pensar a história, a partir da empiria localizada nas fontes, no caso, na imprensa.

Neste artigo abordamos a possibilidade de diálogos interdisciplinares, enfocando a imprensa como instrumento político a favor da formação de opiniões públicas sobre assuntos caros à constituição de uma nação recém-independente, como a educação. No entanto, porém, tal diálogo pode se desdobrar em muitas análises, tomando a imprensa e os intelectuais mineiros como balizadores das possíveis interpretações acerca da realidade política, cultural e educacional de Minas Gerais no século XIX.

**HISTORY AND LITERATURE:
MEDIATIONS BETWEEN THE LETTERED CITY OF ANGEL RAMA AND
PEDAGOGICAL FUNCTION OF MINAS GERAIS PRESS IN ITS PROVINCE,
SOME NOTES.**

ABSTRACT

The periodic *O Universal* (The Universal) was created in 1825, in Ouro Preto, and provided on its first editions some reflections on the educational system in Europe. It used mutual monitorial teaching method as a reference to be deployed in province of Minas Gerais, as a way to improve literacy teaching. Ahead the journal was Bernardo Pereira de Vasconcelos, politician of remarkable performance in the First Reign and Regencies. He belonged to a selected circle of intellectuals and he was part of “the lettered city” under Angel Rama perspective. This article aims to draw some notes about the function of the intellectual as a mediator of letters, transposing knowledge to a wider circle, the public space, through the periodical press.

Keywords: The Lettered City. Press. The Universal.

REFERÊNCIAS

CURY, Maria Zilda Ferreira. Intelectuais em cena. In: WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. **Intelectuais e vida pública: migrações e mediações**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O jornal e outras fontes para a história da educação mineira no século XIX. In: ARAÚJO, João Carlos Souza; JÚNIOR, Décio Gatti. **Novos temas em história da educação brasileira**. Uberlândia: Ed. da UFU, 2002.

_____. VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 14, p. 19-31, mai-ago. 2000.

MOREL Marco. **As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial, 1820-1840**. São Paulo: Hucitec, 2005.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SILVA, Rodrigo Fialho. O universo das letras: debates impressos e mediações culturais - São João d'El-Rey (1827 - 1829). In: SANGULARD, Gisele; ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de; SIQUEIRA, José Jorge. (Orgs.). **História Urbana: memória, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

SOUSA, Octavio Tarquino de. **Bernardo Pereira de Vasconcelos e seu tempo**. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1937.

VALADARES, Virginia Maria Trindade. **Elites mineiras setecentistas: conjugação de dois mundos**. Lisboa: Colibri, 2000.

VEIGA, José Pedro Xavier da. **Efemérides mineiras: 1664-1897**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982.